

## Representações das dinâmicas frente aos desafios de ser de uma Imigrante alemã no Brasil: Ina von Binzer (1881-1883)

Alexandra Ferreira Martins Ribeiro<sup>1</sup>

Rebeca Oliveira Araújo<sup>2</sup>

Alana Cristina do Carmo da Silva<sup>3</sup>

Leticia Gabardo<sup>4</sup>

Mariana Corção<sup>5</sup>

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira<sup>6</sup>

**Resumo:** Este artigo estuda as cartas de vida de Ina von Binzer, uma imigrante alemã no Brasil. O objetivo geral é analisar os conceitos de Ina acerca de sua experiência no Brasil. Os objetivos específicos foram contextualizar a Europa e o Brasil no final do século XIX, e compreender os desafios registrados. A pesquisa apoia-se nos estudos de Fausto (1995); Hobsbawm (2016); Chartier (2002); Renk (2004); e Ramos (2011). Pautou-se na análise de Bardin (2011) para dispor a narração. Os resultados são que Ina retratou seus desafios como: “romanos” aqui viventes, e sua adaptação à cultura nova.

**Palavras-chave:** Imigrante; Alemã; Ina Von Binzer.

## Representations of the dynamics as the challenges of being a German immigrant in Brazil: Ina von Binzer (1881-1883)

**Abstract:** This article looks at Ina von Binzer's letters, a German immigrant in Brazilian. The general objective is analyze Ina's representations about her experience in Brazil. As specific objectives, the article sought to contextualize Europe and Brazil in the late XIX century; and understand the dynamics and challenges represented by Ina. The research is based on the studies of Fausto (1995); Hobsbawm (2016); Chartier (2002); Renk (2004); and Ramos (2011); and Bardin (2011) for the narrations. The results indicate in her letters, Ina represented challenges to the “Romans” who lived here and their adaptation to the Brazilian molds.

**Keywords:** German; Immigration; Ina Von Binzer.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduanda de Licenciatura em História pela PUCPR. E-mail: alexandrafmribeiro@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda de Licenciatura em História pela PUCPR. E-mail: rebeca.oliveira.l@outlook.com

<sup>3</sup> Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: alana\_cristina\_silva@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: leticia\_gabardo@hotmail.com

<sup>5</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: maricorcao@gmail.com

<sup>6</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2010). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: [alboni@alboni.com](mailto:alboni@alboni.com)

## Introdução

A migração faz parte da História da humanidade. De acordo com Vieira (2017), os homens deixam sua terra de origem em grupos ou sozinhos, nos mais variados tempos e partindo de múltiplas razões, e algumas das vezes, buscando novos desafios e oportunidades. Correa (2011) reitera que as movimentações migratórias são tão remotas quanto a humanidade e, quase sempre, partem de um anseio imperativo, fazendo com que grupos ou pessoas isoladas deixem sua terra natal. No que tange as motivações para a migração, consonante com Cepeda, tais movimentos podem ser ocasionados por inúmeras causas como:

espírito de aventura; fuga à fome, às intempéries, às perseguições políticas e religiosas; procura de solos férteis e terras menos povoadas; tentativa de arranjar emprego em países mais desenvolvidos; melhoria das condições de trabalho e de salário, ainda, estimulação de poupanças com vista a um certo desafogo econômico; satisfação de uma necessidade de conhecer novas terras. (CEPEDA, 1995, p. 9)

A depressão econômica que atingiu a Europa entre as décadas de 1870 e 1890 intensificou o fenômeno de deslocamento transnacional em países europeus. Os estudos de Hobsbawm (2016) estimam que, na década de 1880, emigraram cerca de 700 a 800 mil europeus por ano, e, na década de 1890, esse montante elevou-se para 1 a 1,4 milhão de pessoas em cada ano. Em conformidade com Renk:

No período entre 1851 e 1950, chegaram no Brasil 4.800.000 imigrantes, sendo 1.540.000 italianos, 1.480.000 portugueses, 600.000 espanhóis, 250.000 alemães, 190.000 japoneses e 750.000 pessoas de outras etnias. Ou seja, do número total de migrantes que chegaram no país, nesse período, somente 5% era alemão, e aproximadamente 20% do número total retornou à sua terra natal. (2004, p. 25)

Boschilia (2012) explica que no Brasil havia um crescente processo de urbanização de suas cidades, combinado ao desenvolvimento econômico e ao avanço dos meios de comunicação, fatores esses que motivaram o deslocamento do numeroso e variado contingente populacional. Renk (2004) reitera acerca das grandes mudanças sociais, políticas e econômica do final do século XX no Brasil e, destaca entre elas: a libertação dos escravos, a proclamação da república, a separação da Igreja do Estado e, junto a isso, a entrada do imigrante europeu no país na forma de mão de obra.

Para Vieira e Miguel, o Brasil sempre recebeu inúmeros imigrantes, motivados pelas mais diversas causas pessoais e também por questões de influência seu país de origem. Algumas das questões encontravam respaldo nas políticas brasileiras que visavam “incrementar a economia nacional com mão de obra capaz de melhorar a produção agrícola e contribuir para o aumento populacional em zonas ainda não habitadas” (2017, p. 10).

Outras situações também possibilitaram a vinda e permanência de estrangeiros no país. No que tange aos imigrantes portugueses, Vieira explica que no final do século XIX o Brasil era pensado como um eldorado, e que esse pensamento, de certo modo, acabava realizando-se, pois, quando, “de um modo geral, os imigrantes, ainda que analfabetos e dispendo de poucos recursos quando de sua chegada ao Brasil, acabavam por prosperar e até enriquecer” (VIEIRA, 2017, p. 18). No caso dos imigrantes alemães, o baixo número no país não os impediu que, em termos de expressão cultural, a presença não fosse expressiva, “[...] concentrando-se em poucas regiões, e, em alguns casos, formando colônia homogêneas” (RENK, 2004, p. 26). Com a preocupação de manter viva a educação estrangeira,

frente ao quadro de precariedade das escolas públicas, os grupos de imigrantes não esperavam a ação do governo para a instalações escolares. Criavam-nas com características de identificação com o país de origem, ensinando aos seus filhos a língua materna e os costumes da Pátria distante. Estas escolas foram construídas com o esforço da comunidade, que mantinha o professor e também pela escola. (RENK, 2004, p. 25)

Com finalidades educativas Ulla von Eck ou Ina von Binzer, uma preceptora alemã, veio para o Brasil em 1881 e residiu no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ina fora contratada para cuidar da educação de sete dos doze filhos de um grande fazendeiro, “não foi possível averiguar o nome exato dessa família, que poderia ser a dos barões de Rameiro, a dos barões de Mauá, ou mesmo, a do Marquês de Barbacena, cujas fazendas se estendiam pela baixada fluminense” (DUARTE, 1982, p. 15).

No que tange as imigrações femininas, para Ramos, não mudam a busca feminina por reconhecimento social, mesmo que em diferentes tempos e espaços, nesse sentido, a habilidade individual, o desejo de participação cívica e no trabalho tornam-se relevantes. A “aprendizagem da língua do país de acolhimento, o exercício de uma atividade profissional renumerada, o contacto e a convivialidade com mulheres e famílias da sociedade de acolhimento são indispensáveis para a transformação de mentalidade e de comportamento” (RAMOS, 2011, p. 150). Dessa forma, o trabalho doméstico torna-se um espaço de relação e informação para a mulher. Nesse ambiente, ela tem a oportunidade de conhecer um pouco sobre a cultura, hábitos, comportamentos, entre outros aspectos, no novo meio em que ela está inserida.

Sejam quais forem os motivos do movimento migratório, é uma viagem na qual o migrante será exposto a riscos, “há sucessos e fracassos nas imigrações, mas nunca falta o sofrimento” (CORREA, 2011, p. 163). De acordo com Farge (2015), é tarefa do historiador enunciar os acontecimentos que nos antecederam, bem como enunciar os sofrimentos que são encontrados nos documentos pesquisados. No que tange à migração, pesquisadores do tema afirmam que o sofrimento começa a ser sentido logo no momento de sair do lugar de origem, com despedida da família e amigos. Sob a perspectiva feminina, esse sofrimento apresenta algumas particularidades. Ramos explica que

para as mulheres migrantes, dificuldades psicossociais, emocionais, sociais e culturais, sobretudo, nos primeiros anos de migração, desigualdades, isolamento e pobreza das relações socio-culturais, religiosas e modos de vida, vêm trazer muitos desafios e relações intra e interfamiliares, nas práticas de fecundidade e sócio educativas. (RAMOS, 2011, p. 271)

No caso da migração feminina, tais mudanças - no âmbito da identidade, sociabilidade, familiar e econômico - podem oportunizar para a mulher um ganho de maior poder decisório e autonomia, porém, pode acarretar também “risos e vulnerabilidades” (RAMOS, 2011, p. 271). Desta forma, a melhor maneira de minimizar o sofrimento provocado pelas rupturas espaciais e temporais - as mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares e social dos indivíduos - pode resultar numa adaptação psicológica ao novo ambiente.

No entendimento de Chartier, os indivíduos podem tornar inteligíveis suas experiências por meio das representações. As representações são “esquemas intelectuais incorporados que criam figuras às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço possa ser decifrado” (2002, p. 17). Assim, entende-se que as representações são as percepções e apropriações do mundo real às quais, por meio dos discursos, são atribuídos significados.

Partindo do pressuposto de que as representações partem da perspectiva de Ina e da relação que ela estabelece e percebe o ambiente no qual está inserida, o artigo procurou responder a seguinte questão: como Ina von Binzer representou essa adaptação psicológica em sua vivência no Brasil? Logo, o objetivo geral desse estudo foi analisar as representações de Ina acerca de sua experiência no Brasil. Como objetivos específicos buscou contextualizar a Europa e o Brasil no final do século XIX; e compreender as dinâmicas e desafios representados por Ina em suas narrações. A pesquisa, de caráter bibliográfico, apoia-se nos estudos de Fausto (1995); Hobsbawm (2016); Chartier (2002); Renk (2004); e Ramos (2011).

No período entre 1881 e 1883, Ina escreveu quarenta e uma cartas contando suas experiências

nas terras do Brasil, esses escritos foram publicados em forma de livro em 1982. Em conformidade com Malatian (2015), a publicação de coletâneas de cartas acompanha o crescimento da oferta de biografias, nesse sentido, a perspectiva histórica revaloriza os indivíduos, a vida privada e os estudos sobre a cultura. Na aceção deste autor, justifica-se a importância dos estudos pautados nos escritos pessoais uma vez que

os escritos autobiográficos abrem grande campo de possibilidades para o historiador. Resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares. Trata-se de *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual indivíduo assume uma posição reflexiva em relação a sua história e ao mundo onde se movimenta. (MALATIAM, 2015, p. 195)

A escolha pelo estudo das cartas escritas por Ina deu-se, pois tais documentos são um meio privilegiado de acesso as atitudes e representações do sujeito. Para sistematização dos dados contidos nesses escritos e posterior confrontação com o arcabouço teórico foi utilizado a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Foram estabelecidas as categorias Dinamismo da Imigrante; e Desafios da Imigrante. Na categoria Dinamismo da Imigrante buscou-se identificar as representações acerca dos deslocamentos da imigrante entre os espaços sociais e culturais. De acordo com Ramos (2011), nessa movimentação, as imigrantes tornam-se agentes de mudança no país de acolhimento e de origem, passam a manter múltiplas pertencas e redes transnacionais, além de desenvolverem formas de relações sociais e familiares interculturais. No que tange a categoria Desafios da Imigrante, nessa divisão, procurou-se nos escritos de Ina representações acerca das dificuldades enfrentadas por ela.

Trabalhos que versam acerca da imigração, procuram abranger grupos de imigrantes, tratando-os como uma massa homogênea que vive e pensa da mesma maneira, sem oportunizar as variadas experiências dos indivíduos que compõe estes blocos. Dessa forma, justifica-se essa pesquisa uma vez que cabe ao historiador enunciar os sofrimentos representados por indivíduos que migraram, “ainda mais que a memória do sofrimento é por vezes fator de acontecimentos ulteriores” (FARGE, 2015, p. 13). Entretanto, antes apresentar os resultados da análise dos escritos de Ina, faz-se necessário contextualizar o Brasil e a Europa do século XIX.

## Contexto do Brasil

O contexto do Brasil no século XIX é marcado pelo início do Império, que se dá com a vinda da família real para o país em 1808, sendo então elevado a Reino. A instalação da Corte no Rio de Janeiro trouxe diversas mudanças, ocasionando transformações na vida econômica, administrativa e cultural.

Além dos portugueses, embarcaram-se também pessoas de diferentes lugares, possibilitando uma mescla de divergentes costumes, “a vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade” (FAUSTO, 1995, p. 125). Os diferentes tipos de modificações esboçaram a vida cultural, uma vez que a acessibilidade ao livro e a circulação de ideia por meio de panfletos e da imprensa foram grandes marcas para o período. No mês de setembro de 1808 “veio a público o primeiro jornal editado na Colônia; abriam-se teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas” (FAUSTO, 1995, p. 125), que buscavam atender as necessidades da Corte e da população urbana que se expandia rapidamente. Boa parte da população possuía acesso à leitura – nem todos os habitantes eram letrados, mas aconteciam as leituras coletivas – e futuramente participaria de debates políticos.

Na estadia de D. João VI no Brasil, a quantidade de habitantes da capital multiplicou-se, passando de 50 mil a 100 mil pessoas, em sua maioria, eram todos imigrantes, para além dos portugueses, embarcaram para o território os “espanhóis, franceses e ingleses que viriam formar uma classe média de profissionais e

artesãos qualificados” (FAUSTO, 1995, p. 127). Estes imigrantes vieram devido às necessidades de o território possuir pessoas com diferentes especialidades para atender as demandas da corte. Segundo Fausto:

vieram ao Brasil cientistas e viajantes estrangeiros, como o naturalista e mineralogista inglês John Mawe, o zoólogo bávaro Spix e o botânico Martius, também bávaro, o naturalista francês Saint-Hilarie, autores de trabalhos que são uma fonte indispensável de conhecimento para a época. Em março de 1816, chegou ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, incluindo, entre outros, o arquiteto Grandjean de Montigny, autor de projetos de edificações urbanas, e os pintores Taunay e Debret. Estes deixaram desenhos e aquarelas que retratavam paisagens e costumes do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX. (1995, p. 127)

A economia cafeeira foi um fator que contribuiu grandemente para a escravidão no Brasil, pois necessitava de mão de obra para o trabalho pesado. O investimento de um fazendeiro para ter uma fazenda de café incluía derrubada de mata, preparo da terra, plantio, instalações e a compra de escravos.

Poucos anos depois da Independência do Brasil, em 1822, o trabalho escravo foi diminuindo suas proporções em muito propulsionado pela pressão externa, cita-se a apreensão de navios, por parte da Inglaterra, que transportavam escravos. Com a escravidão suprimindo-se, “grandes fazendeiros queriam atrair imigrantes para começar a substituir a mão-de-obra escrava” (FAUSTO, 1995, p. 197). Nesse sentido, a alternativa foi a atração de mão de obra europeia para trabalhar nas fazendas de café.

A movimentação de imigrantes não era uma característica das terras brasileiras, o século XIX foi marcado pelo começo da maior imigração de povos na história já registrada. De acordo com Hobsbawm (2016), os detalhes dessa migração mal podem ser medidos, pois a forma como as estatísticas oficiais eram realizadas na época não conseguiam capturar todos os movimentos de homens e mulheres dentro dos países e dos estados. Estima-se que, entre 1846 e 1875, um número superior há nove milhões de pessoas deixaram a Europa, sendo que boa parte dos migrantes foram em direção aos Estados Unidos, um número aproximado de quatro vezes a população de Londres em 1851. Hobsbawm (2016) explica que a movimentação populacional e o movimento de industrialização andaram juntos, uma vez que o desenvolvimento econômico moderno do mundo demandava mudanças substanciais dos povos no que tange à mão de obra e meios de comunicação, ao mesmo tempo que facilitava o traslado humano a custos mais baixos.

A vinda de imigrantes para as zonas cafeeiras de São Paulo, que se iniciou no Segundo Reinado, “era formada por trabalhadores do campo ou pequenos proprietários rurais do norte da Itália, sem condições de sobreviver com o cultivo de seu pedaço de terra” (FAUSTO, 1995, p. 207). Esses imigrantes viam na imigração uma forma de sobrevivência, pelo fato da crise na Itália ter atingido a população mais pobre, resultado da unificação do país e das transformações capitalistas. Nos anos finais do Império, é possível notar o aumento na proporção de imigrantes, “a imigração para São Paulo, de qualquer procedência saltou de 6.500 pessoas em 1885 para 91.826 em 1888. Neste último ano, os italianos constituíam quase 90% do total” (FAUSTO, 1995, p. 207), logo a colheita de café de 1888, mesmo com a abolição da escravatura, pode ser feita sem problemas com mão de obra, já que os vários imigrantes vieram em busca de trabalho.

Os novos povos no território brasileiro proporcionaram uma miscigenação da população. No recenseamento da população é possível notar a porcentagem, do ponto de vista racial, intimamente ligada com a vinda dos imigrantes para o Brasil, os mulatos representavam cerca de 42% da população, os brancos 38% e os negros 20%. Em conformidade com o autor:

Cresceu assim a proporção de brancos, estimada em menos de 30% em 1819. Isso se liga ao ingresso de imigrantes. Pouco mais de 300 mil entraram no país entre 1846 e 1875, uma média de 10 mil por ano, metade dos quais eram portugueses. O Rio de Janeiro, com seus 522 mil habitantes em 1890, constituía o único grande centro urbano. Vinham

a seguir Salvador, Recife, Belém e só então São Paulo com modestos 65 mil habitantes. Mas a cidade, que se convertia no centro dos negócios cafeeiros e atraía cada vez mais imigrantes, começara uma arrancada de longo alcance, crescendo a uma taxa geométrica anual de 3%, entre 1872 e 1886, e de 8% entre 1886 e 1890. (FAUSTO, 1995, p. 237)

A imigração se deu de forma diferente nos territórios brasileiros, em São Paulo o objetivo era fornecer trabalhadores para a grande lavoura, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, José Bonifácio e Dom Pedro II, tendo em vista razões socioeconômicas e militares, realizaram os primeiros esforços para trazer os colonos alemães para o Sul. Perto de São Paulo surgiram colônias, como a de Santo Amaro e Itapecerica, em Florianópolis a de São Pedro de Alcântara e perto de Porto Alegre a colônia alemã de São Leopoldo. “A colonização alemã se estendeu pelo nordeste de Santa Catarina, onde surgiram as colônias de Blumenau, Brusque e Dona Francisca, atual Joinville” (FAUSTO, 1995, p. 241).

Os imigrantes alemães contribuíram para a economia, uma vez que se dedicavam a agricultura. Além disso, os alemães trouxeram inovações para o cultivo, para a pecuária e para a indústria. Quanto às contribuições destes imigrantes, eles

dedicaram-se à criação de porcos, galinhas, vacas leiteiras, batatas, verduras e frutas até então inexistentes no Brasil, como a maçã. Tiveram também um papel importante na instalação de oficinas e estabelecimentos industriais. Surgiram assim, a princípio modestamente, a indústria de banha, de conserva de carne, de cerveja e de outras bebidas (FAUSTO, 1995, p. 241).

Por volta de 1860, o fluxo de imigrantes alemães começou a diminuir por diversos fatores como por exemplo, as más condições de tratamento dos colonos. Depois de 1870, o governo incentivou a vinda de imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul. “Pequenos cultivadores procedentes em sua maioria do Tirol, do Vêneto e da Lombardia estabeleceram uma série de colônias, das quais a de Caxias foi a mais importante” (FAUSTO, 1995, p. 241). As atividades econômicas dos italianos eram bem próximas a dos alemães, porém o diferencial foi que os italianos se especializaram no cultivo de uva e na produção de vinho.

O Brasil, então, ao fim do século XIX, tornou-se berço para diversos imigrantes, os quais, em sua maioria, ingressavam no país e desempenhavam atividades produtivas. No caso estudado no presente artigo, a Ina von Binzer imigrou para o Brasil para trabalhar como educadora de filhos de famílias que possuíam maiores poderes financeiros.

## Contexto da Alemanha no século XIX

Entre os séculos XVIII e XIX, a Europa passou por transformações econômicas, políticas e sociais, tais fatores desencadeados por uma série de revoluções, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Além disso, destacavam-se: **A Guerra Franco-Prussiana, a unificação a Alemanha (1871) e a expansão do capitalismo industrial.**

A Revolução Industrial foi um grande marco para a história e contribuiu para mudanças sociais e econômicas. O que se torna relevante sobre o período de 1789 a 1848, é entender que mudanças fundamentais estavam ocorrendo. Uma dessas mudanças refere-se a questões demográficas ligadas ao aumento na população mundial, o qual se deu em maior parte em áreas economicamente avançadas, o que ocorreu devido ao advento da industrialização, uma vez que possibilitou a modernização da mão-de-obra reduzindo em grande parte o trabalho braçal:

a população dos Estados Unidos [aumentada pela imigração, encorajada pelos ilimitados recursos e espaços de um continente] aumentou quase seis vezes de 1790 a 1850, ou seja,

para 23 milhões de habitantes. A população do Reino Unido quase duplicou entre 1800 e 1850, quase triplicou em 1750 e 1850. A população da Prússia [considerando as fronteiras de 1846] quase duplicou entre 1800 e 1846, o mesmo acontecendo na Rússia europeia [sem a Finlândia] (HOBSBAWM, 2016, p. 268).

O aumento da população repercutiu no aumento da economia. O sistema de produção agregou outros agentes para além dos adultos, uma vez que crianças e jovens começaram a fazer parte do contingente produtivo. Para Hobsbawm “o mundo desse período foi bem mais jovem do que qualquer outro anterior: cheio de crianças, com jovens casais ou pessoas no auge da juventude” (2016, p. 269). Tal fator foi propiciado pela inserção de máquinas no processo de produção, principalmente nos trabalhos pesados, representando mudanças no universo dos trabalhadores.

Na estrutura política e social, da década de 1840, a maioria dos habitantes mundiais continuavam a ser camponeses. Os estudos de Hobsbawm revelam que “embora houvesse poucas áreas – principalmente a Grã-Bretanha – onde a agricultura já era ocupação de uma pequena minoria, e a população urbana já estava a ponto de ultrapassar a rural” (2016, p. 458). O número de escravos havia diminuído, uma vez que o comércio internacional da mercadoria humana havia sido abolido em 1815, aspecto que representava um grande avanço social, econômico e político.

Para se entender a imigração alemã, é necessário olhar para o contexto histórico da Europa como um todo. A partir do século XVIII, a imigração passou a grandes proporções, sendo então, motivada pelas novas colônias e pelo grande crescimento da população na Europa. Rölke afirma que

dois fatores cruciais contribuíram para a mudança: as novas colônias, com sua imensa geografia, precisavam ser habitadas para evitar ataques e saques ou até mesmo ocupação militar de outras nações. Além disso, a Europa encontrava-se em forte crescimento populacional. O envio de pessoas para as colônias recém-descobertas poderia auxiliar na busca de um equilíbrio para a situação social, cada vez mais calamitosa, que se instalava em solo europeu em razão do aumento da população. (2016, p. 45)

Para Lisboa (2013), a unificação tardia da Alemanha representou uma menor influência da nação em relação aos outros países, inclusive o Brasil. Ou seja, a Alemanha se mostra dentro desse contexto como uma nação em ascensão entre os países europeus, com a ampliação do capitalismo e declínio do antigo sistema feudal.

O mecanismo favorável à imigração alemã foi, de acordo com Salamoni, o fato de a Alemanha passar por uma Revolução Agrícola e demográfica durante o século XIX, desencadeando uma inovação tecnológica e urbana. Dessa forma, o principal resultado do processo foi que a “revolução no campo, o desmantelamento da estrutura feudal, o que ocasionou a expulsão de grande parte dos pequenos camponeses alemães” (SALAMONI, 2001, p. 25). Uma condição propícia para que o alemão buscasse melhores condições noutros países. Sobre a transição do sistema feudal para o capitalismo:

a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou, então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passaram a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para a América, na busca de melhores condições de vida. (SALAMONI, 2001, p. 27)

A criação do Bloqueio Continental, instaurado por Napoleão Bonaparte em 21 de novembro de 1806, favoreceu as populações rurais da Alemanha e seu artesanato, bem como possibilitou o crescimento da Liga ou União Aduaneira, criada em 1834, composta por Prússia, Hessen, Baviera, Württemberg e Saxônia. Para Rölke, o objetivo dessa união foi “facilitar o fluxo de mercadorias entre os estados alemães, onde os muitos impostos que cada principado/estado praticava impediam o progresso” (2016, p. 46). Tal

processo facilitou o surgimento de industrialização nos segmentos da: metalurgia, siderúrgica, e mecânica nos centros urbanos.

Apesar da Revolução Francesa não ter se propagado pela Alemanha, os burgueses queriam participar de decisões econômicas, políticas e sociais. Rölke reitera

a Revolução Francesa não se difundiu pela Alemanha, mas, dentro do seu espírito e ideais, a burguesia emergente alemã também queria tomar parte nas decisões econômicas, políticas e sociais do Estado. A isso juntou-se a industrialização, que teve como consequência o surgimento da classe operária. Esta lutava pelo reconhecimento de direitos e em busca de melhorias das condições desumanas de trabalho às quais era impiedosamente submetida. Os operários, incluindo mulheres e crianças, trabalhavam até 16 horas por dia. (2016, p. 47)

O advento da industrialização promoveu o aparecimento da classe operária, porém com carga horária de trabalho elevada, conseqüentemente essa classe travou uma luta em busca de direitos e melhores condições de trabalho, e, além disso, motivou um maior número de pessoas a deixarem a Alemanha.

Por outro lado, Lisboa enfatiza que a imigração alemã foi vista como uma ampliação de sua influência em outros países, na medida em ser um representante da cultura alemã:

[...] a política colonial e imperialista vive seu início em 1884-1885, ainda na gestão de Otto von Bismarck. [...]. E nesse sentido as colônias de imigrantes alemães na América, com suas diferenças em relação às colônias e protetorados na África e Ásia, ganham importância porque são entendidas igualmente como prolongamento do Império no além-mar (LISBOA, 2003, p. 121).

A imigração europeia no Brasil foi um dos pilares para uma nova organização socioeconômica, política e cultural. No caso da Ina, uma imigrante alemã, sua contribuição foi principalmente no âmbito da educação e sua perspectiva sobre a tradição ainda patriarcal dominante no Brasil no século XIX:

[...] por ser mulher (Ina), tinha acesso à vida social das famílias brasileiras que os seus patrícios viajantes e, por isso, pôde relatar com bastante cuidado cada detalhe de sua rotina, de seu trabalho como educadora, de seus alunos, escolas, patrões, escravos, e da sociedade em si (MACHADO, 2010, p. 10).

### As cartas de Ina

Na Europa, o hábito de escrever cartas foi disseminado em paralelo com a ampla alfabetização promovida nos séculos XVIII e XIX, bem como deixou de ser uma particularidade dos homens, tornando-se uma atividade apreciada entre as mulheres. Essa atividade foi propiciada, segundo Hooock-Demarle (1996), pois no período compreendido entre 1780 e 1880, nos principais países da Europa, o ensino primário e secundário para mulheres implantava-se. Logo, nos escritos autobiográficos e reivindicativos registraram-se essas mudanças. Existe uma particularidade quanto à escolarização das mulheres alemãs, que se demonstraram à frente de outros países nesse quesito.

Quanto ao caso da Alemanha, e particularmente a do Norte, esta revolução pela aprendizagem do saber deve-se a fatores fundamentalmente diferentes, mas quem converte numa espécie de consenso ligado à época das Luzes. Em primeiro lugar existe factor estatal, a vontade, por parte de certos Estados, especialmente a Prússia, de velarem pela criação de uma legislação e de um sistema educativo obrigatório para todas as crianças dos seis aos catorze anos. A escolarização obrigatória é decretada na Prússia em 1717, mas introduzida apenas em 1802 na Baviera. Isso põe em relevo outro elemento essencial no processo de escolarização do conjunto de uma população: o factor religioso. Os países de obediência protestante demonstram, nesse domínio, por ingerência directa do príncipe,

chefe religioso nos seus territórios, um avanço muito nítido sobre os Estados católicos do Sul, onde a educação é sobretudo reservada apenas aos rapazes, e os anos passados no convento, geralmente, não oferecem às raparigas se não aprendizagem das orações e das tarefas ditas femininas (HOOCK-DEMARLE, 1996, p. 173).

Ina nasceu em 1856, recebeu sua formação escolar em Arnsberg, na Vestfália, região noroeste da Alemanha, esteve por um ano em um internato em Bonn e fez seu exame para professora em Soest. Em suas cartas pouco menciona acerca das escrituras sagradas, mas o pouco que o faz explicita suas referências protestantes. Em uma dessas referências à religião, Ina a faz como forma de exemplificar o comportamento de suas alunas perante suas exigências quanto ao horário: “A aparência das três lembra-me sempre a Santa Inquisição, com os juízes em volta da mesa redonda que, na certa, não se mostrariam mais carrancudos nem mais frios. Considero-me bastante patife, pois lastimo o pedido que lhes fiz para serem pontuais” (BINZER, 1994, p. 23). Em outra carta, Ina conta de sua visita a uma simples igreja de taipa e de sua emoção diante das palavras proferidas no local. Para Ina as palavras proferidas na igreja

soavam como em nossa terra, nem mais nem menos graves e solenes do que nas suntuosas catedrais, sob colunas altaneiras e estandartes coloridos. Havia tempo que não entrava numa igreja, mas duvido que a missa na Basílica de S. Pedro conseguisse despertar em nós a emoção deste serviço evangélico, numa cabana de taipas, num ponto perdido do sertão brasileiro. (BINZER, 1994, p. 132-133)

Por outro lado, nas cartas de Ina é possível identificar as menções a pedagogia, essas menções Hooock-Demarle (1996) chama de influência da filosofia das Luzes. Ina representa, em suas cartas, o conhecimento e respeito aos ensinamentos contidos nas 40 cartas pedagógicas de Bormann, mas, ao mesmo tempo, reconhece que as instruções não poderiam ser aplicadas no contexto brasileiro. Em suas palavras: “O nosso Bormann, ou melhor, suas quarenta cartas pedagógicas que não têm aqui a menor utilidade” (BINZER, 1994, p. 22).

Cabe ressaltar que, por mais que houvesse uma grande disseminação da escolarização na Alemanha, poucas foram as mulheres que se aventuram na escrita literária. Quanto a isso Hooock-Demarle reitera:

Quanto a investirem pessoalmente na escrita, essa uma via que poucas ousarão tentar. Mas ler e escrever são também instrumentos da integração das mulheres do mundo moderno; ler implica uma organização social da leitura, escrever uma relação privilegiada com um público, mas ambos engendram formas de sociabilidade no seio das quais opera uma reflexão das mulheres sobre si mesmas, sobre os meios que são dados para se manifestarem, sobre os seus modos de expressão específica e sobre sua percepção própria do tempo e do espaço. (1996, p. 172)

Nesse sentido, as cartas de Ina podem ser compreendidas como uma expressão de sua percepção do mundo, bem como uma forma de integração entre essa realidade, que se fazia presente, e em sua terra natal. Esse tipo de escrita das cartas Ina também eram contrárias as determinações dos manuais de bons costumes do período.

Schwarcz (2015) explica que os manuais civilizatórios ditavam normas, inclusive para escritas de cartas. Esses escritos deveriam seguir padrões para cada situação, e tratando-se da escrita feminina, as regras eram ainda mais claras quanto à contenção da exposição dos sentimentos. Com relação a escrita das cartas Malitian explica que

expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e apresentavam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade. Nelas um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada. (MALITIAN, 2015, p. 197)

A primeira carta de Ina datada de 27 de maio de 1881, nessa carta enviada à sua amiga, Ina não se contém em desfazer certos pensamentos acerca do Brasil, em suas palavras: “Consolem-se comigo: aconteceu-me o mesmo mas continuo achando adorável termos confundido inocentemente espanhol com português. Assim, vai-se perdendo uma ilusão após a outra” (BINZER, 1994, p. 17). Contrastando com outros diários de viajantes que se esforçavam para narrar um Brasil exótico, Ina narra que sua viagem até o Rio de Janeiro seria outra desilusão ao leitor e alerta ironizando:

[...] não lhes poderei contar nenhum assalto dos indígenas e nem mesmo uma luta contra os tigres, quanto no mínimo vocês esperavam uma descrição das cobras gigantes. Tendo chegado até cá sem incidentes, reconheço de antemão a inferioridade em que me encontro diante de vocês, comparando-me a outros viajantes dos dos trópicos (BINZER, 1994, p. 17).

Passados dois anos de sua chegada, Ina relata mais uma das ilusões criadas acerca do Brasil que foi desfeita pela sua vivência: “Imaginávamos que as flechas dos índios e outros objetos exóticos eram encontrados pelos caminhos e agora verifico que todas essas coisas não são obtidas tão facilmente” (BINZER, 1994, p. 134).

Como o conteúdo das cartas perpassa por diversas questões culturais, políticas e sociais, o estudo focou na análise das categorias denominadas Desafios da Imigrante e Dinamismo da Imigrante. Buscou-se nas cartas as representações de Ina perante as situações que se demonstravam relevantes a ela. Partindo da categoria Desafios da Imigrante, procurou-se nas narrações as dificuldades representadas por Ina. Para a análise, buscou-se orientações em Ramos:

O processo migratório, envolvendo rupturas espaciais e temporais, mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticos, implicando adaptação psicológica, cultural e social dos indivíduos e das famílias diferentes modalidades de aculturação, constitui um processo complexo, com consequências ao nível do desenvolvimento individual, familiar e sócio-profissional, assim como a saúde física mental. (2011, p. 271)

Quanto às dificuldades psicossociais, emocionais, sociais e culturais, Ina relata em 1881: “Ah! Querida Grete: se você soubesse como são amargos os dias aqui! Como as horas se arrastam, como tudo me parece pesado!” (BINZER, 1994, p. 54). Segundo Ramos (2011) sob a perspectiva dos sentimentos, a experiência da imigração envolve alterações psicossocial, associadas ao stress e aos sofrimentos, que se assemelham ao sentimento de luto. Em outra carta narra que sente falta da amiga, mas não a desejaria tal destino, bem como, em outro escrito desencoraja a vinda de Grete: “[...] realmente é muito mais duro do que se pode imaginar de longe. Reflita bem se devo mesmo procurar colocação para você aqui” (BINZER, 1994, p. 31).

Outra consequência da mudança, na acepção de Ramos (2011), é a solidão que o imigrante sente face ao isolamento em outro ambiente, e ao abandono do país de origem, da família, de amigos e dos locais conhecidos e seguros. Ina relata que não havia ninguém com quem pudesse conversar, que às vezes chorava de desespero, e que ficaria “mais tranqüila se tivesse um apoio qualquer neste país estrangeiro” (BINZER, 1994, p. 64).

As tensões psicológicas - que podem desencadear a depressão, o estresse psicológico e social - afetam a vida do indivíduo. Ina representou este sentimento e a forma como procurava amenizá-lo, em suas palavras: “Na verdade, o meu maior prazer aqui é montar a cavalo; essa é mesmo minha única distração, e quando a solidão me pesa demais, consolo-me com facilidade dando vim lindo passeio a cavalo” (BINZER, 1994, p. 142).

Os indivíduos sofrem com a perda da terra e cultura de origem, e, com isso, existe a necessidade de adaptação. Diferente de grupos de imigrantes, Ina veio sozinha para trabalhar como preceptora, a falta de um grupo que pudesse integrar, demandou a adoção de novos hábitos culturais, alimentares e sociais. Ina relata, no decorrer das cartas, sua estranheza a alguns tipos de comida e do desejo dos sabores alemães: “quando ao meu paladar europeu ofereceram esse petisco, recusei indignada” (BINZER, 1994, p. 28). Mas no decorrer das cartas vai demonstrando sua apreciação pela quantia das frutas em compota, balas de chocolate e de ovos; e se diz satisfeita com o cheiro do cozimento da cana de açúcar pela casa.

Nessa necessidade de adaptação, quando tem saudades e evoca coisas da Alemanha, para ela, naturalmente, muito melhores, diz com toda a sinceridade: “Realmente, estou sendo ingrata, pois todos são tão gentis comigo e o país é lindo como um conto de fadas; mas não posso modificar-me e não me sai da cabeça uma canção: **É muito belo um país estranho — mas nunca se tornara uma pátria**” (BINZER, 1994, p. 161).

Na acepção de Ramos (2011), diante do enfretamento, não apenas uma nova cultura e língua, como também hostilidade, a discriminação e a indiferença da população, o sujeito, por conta do desgaste emocional, pode debilitar sua saúde. Ina narra problemas com insônia depois de sua chegada ao Brasil, mas relata como procurou solucionar parte do problema: “A conselho de D. Maria Luísa tomo em seu lugar chá de alface, que no começo me desagradava, mas com o qual me habituei, porque exerce de fato uma ação calmante” (BINZER, 1994, p. 144).

De acordo com Ramos (2011), dentro das dinâmicas que as imigrantes desenvolvem, estão as novas práticas de cidadania e as novas formas de relações sociais e familiares interculturais. Ina representou-se como uma imigrante dinâmica transitando por diversos espaços que lhe pareciam oferecer algum tipo de sentimento de pertencimento.

Quanto ao deslocamento de Ina nas variadas esferas sociais e culturais, esses aparecem representados nas cartas em diversos trechos, em um deles, a educadora relata entusiasmada: “Mas ainda não contei o que se passou em São Paulo. Lá estivemos dois dias, hospedados em casa dos avós de Maricota. [...]. Na terceira manhã descemos até cá, fazendo o impressionante trajeto da serra por meio do funicular” (BINZER, 1994, p. 139). Ina descreve sua experiência frente ao imperador; o jantar na casa dos colonos norte-americanos; seu envolvimento com Mr. Hall; sua afeição por uma outra educadora francesa; além de narrar suas conversas com os proprietários da fazenda na qual trabalhava.

No ano de 1882, recebeu um convite de uma família alemã para passar o natal em São Paulo, uma oportunidade de comemorar a data com os referenciais culturais da Alemanha. Sobre a festividade relatou: “não consigo disfarçar minha grande felicidade! Como vai ser diferente do ano passado [...]. Que lindo Natal entre gente alemã, canções alemãs, bolos de festa alemães!” (BINZER, 1994, p. 161).

Em outra carta de julho de 1882, relata seu envolvimento com uma família de colonizadores norte-americanos que se instalou numa fazenda na vizinhança. Sobre o ocorrido, Ina representa em sua carta: “Mrs. Quimby recebeu-me cordialmente, como hóspede desejada, e passamos o resto da tarde conversando, sentadas nas redes. Na manhã seguinte às nove horas, partir para igreja uma cavalhada completa, tendo-se juntado a nós, mas algumas senhoras e senhores” (BINZER, 1994, p. 130). Como uma imigrante dinâmica, Ina foi capaz de manter múltiplas pertencas e redes transnacionais, não se fixou apenas em seu âmbito de trabalho, mas manteve contato com outras redes e vínculos com seus compatriotas.

Dessa forma, assim como salienta Ramos (2011), ao interagir com diversos grupos a imigrante acaba por ser um agente de mudança no país de acolhimento e de origem. Ina narra suas aulas aos filhos da elite brasileira, e considerando a profissão do professor é carregada de papel político, suas aulas em si

podem ser consideradas como propulsoras de alguns fatores de mudanças sociais. Em suas cartas foram representadas seu descontentamento com a escravidão. Suas palavras acerca da importância e desconhecimento da liberdade:

pensava que a brutalidade e a crueldade contra os escravos podiam provocar muitas vezes fatos bastante tristes o que é fácil de se compreender; mas, por outro lado não se pode exigir dessa raça que se acha escravizada há tantas gerações, concepções pessoais altamente civilizadas, nem pretender que adotem nossos conceitos sobre a liberdade, em relação ao homem, e de honra em relação à mulher, o que seria uma inspiração vã ou poética. (BINZER, 1994, p. 45)

Em outro momento narra sua preocupação quanto à precariedade da educação nas terras brasileiras para os filhos dos escravos:

No interior não há mestres-escolas rurais como na nossa terra [...]. Essas questões apresentam diversas soluções, mas o fato é que ninguém aqui faz coisa alguma, de maneira que as crianças nascem livres, mas crescem sem instrução e no futuro estarão no mesmo nível dos selvagens sem gozar nem mesmo das vantagens dos escravos, que aprendem este ou aquele trabalho material. (BINZER, 1994, p. 128)

De acordo com Schwarcz (2015), D. Pedro II muito investiu no Colégio que recebia seu nome, mas pouco o fez para contribuir com a ampliação da educação nos demais territórios do Brasil. Havia uma preocupação com a educação que não saía dos discursos oficiais, e na prática tais preocupações não eram abordadas como prioridades nesse momento histórico. O acesso à escola era privilégio de uma minoria, “sobretudo nas cidades onde se encontravam os interesses políticos e econômicos do país, como Rio de Janeiro e Salvador” (VIEIRA; FARIAS, 2003, p. 48).

Nas demais províncias, na educação, imperava o descaso. A falta de investimento público na educação, aliada ao desejo das elites brasileiras de educarem-se nos moldes europeus levavam as famílias abastadas a solicitarem os serviços de preceptoras para cuidar da instrução de seus herdeiros. Sobre a questão, Ina narra seu estranhamento: “Eles querem engolir cultura às colheradas e nunca têm uma tarde livre, um dia desocupado” (BINZER, 1994, p. 31). Por conta das excessivas demandas de aulas, Ina narra que quase não lhe sobrava tempo para passear pelas paisagens brasileiras.

Em suas cartas, é possível perceber que seu entusiasmo pela natureza brasileira era enfraquecido diante de suas obrigações com o trabalho. Ao longo das cartas, Ina narra seu cansaço com devido às sucessivas aulas de piano, às aulas de francês interrompidas, e demonstra insatisfação quanto a sua atuação frente às aulas de alemão.

Diante dessas tensões, as imigrantes podem, segundo Ramos (2011), desenvolver estratégias indenitárias, que irão variar conforme suas trajetórias pessoais, sociais e culturais. No caso Ina, a preceptora representou os meios que buscou para manter-se conectada com suas lembranças e tradições, em suas palavras relata: “Fui ontem visitar uma professora que tem um piano na sala de aula e possui um álbum de canções populares alemãs. **Éramos ao** todo seis moças alemãs e cantávamos todas as canções conhecidas: até hoje ainda estou rouca. Saúde por mim minha linda Alemanha e suas alegres canções!” (BINZER, 1994, p. 162). Ina narra sua nostalgia e demonstra como procurava manter-se ligada as suas tradições, ao mesmo tempo em que se esforçava para adaptar-se a nova vida.

## Considerações finais

Diante dos sofrimentos representados por Ina em suas cartas, pode-se auferir, por meio das análises

ses, que seus escritos foram, para ela, uma forma de lidar com os mais variados sentimentos emergidos em sua situação de imigrante no Brasil. Por meio das cartas, Ina pode refletir suas vivências e representar as alternativas para solucionar as questões de que sua vida engendrava.

Em suas narrações, foi possível verificar a oscilação entre entusiasmo e estranhamento com a vida que para ela se apresentava, bem como perceber seu sofrimento crescendo na medida em que seu entusiasmo diminuía. Ela procurou representar diversos cenários os quais a empolgavam, narrar emoções positivas quanto ao estado em que se encontrava, mas, por meio das análises, pode-se auferir o sentimento mais sincero explicitado foi o de solidão.

Cabe considerar que seus escritos trazem outras representações que podem ser estudadas e outras abordagens utilizadas. Essa foi apenas uma forma de se olhar para as representações de Ina von Binzer.

## REFERÊNCIA

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, (2011).
- BINZER, Ina von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BOSCHILIA, Roseli. À procura de um novo destino: imigrantes portugueses no Paraná da segunda metade do século XIX. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 56, p. 87-112, jan./jun. 2012.
- CEPEDA, F. J. T. *Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural*. Bragança/Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Portugal: DIFEL, 2002.
- CORREA, Maria Helena. A bruxa madrinha. In: BOSCHILIA, Roseli; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Portuguesas na diáspora: história e sensibilidades*. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 163-174.
- DUARTE, Paulo. Prefácio. In: BINZER, Ina von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.
- HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: vol.4: O século XIX*. Porto: Edições Afrontamento, 1996. p. 170-197.
- LISBOA, Karen Macknow. Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 119-139, jan.-mar. 2013.
- MACHADO, Lisanea Weber. *O romance epistolar de Ina Von Binzer: um documento de interculturalidade Brasileiro - Alemã*. 2010. 117 f. Dissertação para obtenção de título de Mestre (Especialização em Literatura Alemã) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 197-206.
- RAMOS, Maria da Conceição Pereira Ramos. Migrações internacionais e gênero – dinâmicas de participação das mulheres portuguesas imigrantes. In: BOSCHILIA, Roseli; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Portuguesas na diáspora: história e sensibilidades*. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 139-162.
- RAMOS, Natalia. Gênero e migração: dinâmicas e políticas sociais, familiares e de saúde. In: BOSCHILIA, Roseli; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Portuguesas na diáspora: história e sensibilidades*. Curitiba: Editora UFPR, 2011b. p. 263-282.

RENK, Valquíria Elita. *A educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba*. Curitiba: Champagnat, 2004.

RÖLKE, Helmar. *Raízes da Imigração Alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SALAMONI, Giancarla. A Imigração Alemã no Rio Grande Do Sul – O caso da comunidade Pomerana De Pelotas. *História em Revista*, Pelotas, v. 7, p. 25-42, dezembro/2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Migrações Portugal/Brasil reconhecimento de estudos: trajetória de imigrantes. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v.17, n.51, p. 09-13, jan./mar.2017.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. Editorial. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v.17, n.51, p. 09-13, jan./mar.2017.

VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. *Políticas educacionais no Brasil: introdução histórica*. Brasília: Plano Editora, 2003.

Recebido em: 28.09.2017

Aprovado em: 17.11.2017